

PALHAÇOTERAPIA, TERAPIA DO RISO E HUMANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA EM SAÚDE

Abinéia Claudino Miranda¹;

¹Discente da Faculdade de Petrolina (FACAPE), Petrolina, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/7599563387575274>

Iara Pereira Viana²;

²Discente da Faculdade de Petrolina (FACAPE), Petrolina, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/4064411765789165>

Maria Paula Carneiro Brito³;

³Discente da Faculdade de Petrolina (FACAPE), Petrolina, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/1164517422290796>

Raianne Guimarães Evangelista⁴;

⁴Discente da Faculdade de Petrolina (FACAPE), Petrolina, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/3510814636102303>

Pamela Nascimento Simoa Da Silva⁵.

⁵Docente da Faculdade de Petrolina (FACAPE), Petrolina, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/2363407542146584>

RESUMO: Introdução: A palhaçoterapia, também denominada palhaçaria terapêutica, utiliza recursos da linguagem do palhaço, como humor e improvisação, em contextos de cuidado em saúde. No ambiente hospitalar, sua atuação considera as condições, respostas e dimensões emocionais do paciente diante da hospitalização e do tratamento. **Objetivo:** O objetivo deste capítulo é analisar as evidências disponíveis acerca da utilização da palhaçoterapia na assistência à saúde, com ênfase em suas repercussões psicológicas, emocionais e relacionais e em suas contribuições para a humanização do cuidado. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e analítico. A busca foi realizada nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e PubMed. Foram identificadas 36 publicações, das quais 9 foram selecionadas para análise. **Resultados e Discussão:** Os estudos demonstraram efeitos principalmente nas dimensões psicológica, emocional e comportamental, destacando-se a redução da ansiedade, especialmente em crianças hospitalizadas ou submetidas a procedimentos médicos. **Conclusão:** A palhaçoterapia não

apresenta efeito terapêutico uniforme, mas demonstra contribuições mais consistentes nas dimensões psicológica, emocional e relacional do cuidado, particularmente na redução da ansiedade no contexto pediátrico.

PALAVRAS-CHAVE: Palhaçoterapia. Cuidado Centrado na Pessoa. Saúde Mental.

CLOWN THERAPY, LAUGHTER THERAPY AND THE HUMANIZATION OF HEALTHCARE

ABSTRACT: **Introduction:** Clown therapy also known as therapeutic clowning utilizes elements of the clown's art, such as humor and improvisation, within healthcare settings. In the hospital environment, this practice takes into account the patient's condition, responses, and emotional state regarding hospitalization and treatment. **Objective:** This chapter aims to analyze available evidence regarding the use of clown therapy in healthcare, emphasizing its psychological, emotional, and relational impacts, as well as its contributions to the humanization of care. **Methodology:** This is a descriptive and analytical narrative literature review. Searches were conducted in the Scientific Electronic Library Online (SciELO), Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS), and PubMed databases. Thirty-six publications were identified, nine of which were selected for analysis. **Results and Discussion:** The studies demonstrated effects primarily in the psychological, emotional, and behavioral dimensions, notably a reduction in anxiety especially among hospitalized children or those undergoing medical procedures. **Conclusion:** Clown therapy does not yield a uniform therapeutic effect; however, it demonstrates consistent contributions to the psychological, emotional, and relational dimensions of care, particularly regarding anxiety reduction in pediatric settings.

KEYWORDS: Clown therapy. Person-centered care. Mental health.

INTRODUÇÃO

A palhaçoterapia, também denominada palhaçaria terapêutica ou *clownterapia*, utiliza recursos próprios da linguagem do palhaço, como humor, ludicidade e improvisação, em contextos de cuidado em saúde. No ambiente hospitalar, essa atuação assume características próprias, pois a interação é construída a partir das condições e respostas do paciente, considerando as dimensões emocionais presentes na experiência de hospitalização e tratamento (Dionigi; Flangini; Gremigni, 2012). Nesse contexto, a palhaçoterapia tem sido investigada como intervenção complementar, especialmente por suas possíveis repercussões sobre a ansiedade e outros aspectos psicológicos e emocionais associados à hospitalização (Lopes-Júnior *et al.*, 2020).

A discussão sobre essa prática ganha relevância diante das transformações ocorridas na própria compreensão do cuidado em saúde. A influência histórica do modelo biomédico favoreceu uma assistência centrada na doença e em seus aspectos biológicos, muitas vezes fragmentando a compreensão do sujeito. A humanização do cuidado propõe uma perspectiva mais ampla, na qual acolhimento, vínculo, autonomia e participação também integram a assistência. No Brasil, essa compreensão encontra respaldo na Política Nacional de Humanização (PNH), instituída em 2003 e orientada para a valorização dos diferentes sujeitos envolvidos na produção da saúde (Brasil, 2008).

É nesse cenário que a palhaçoterapia vem sendo incorporada e investigada nos serviços de saúde. Sua utilização tem sido associada principalmente às dimensões psicológica, emocional e relacional do cuidado, com destaque para situações em que a hospitalização e os procedimentos assistenciais produzem ansiedade, medo, insegurança e estresse. Estudos realizados especialmente com crianças apontam resultados favoráveis para a redução da ansiedade, embora os efeitos não sejam uniformes entre os diferentes desfechos avaliados (Lopes-Júnior *et al.*, 2020; Sliman; Meiri; Pillar, 2023).

A literatura também registra experiências com adultos, idosos e pessoas em cuidados paliativos, o que amplia a discussão sobre as possibilidades de utilização da palhaçaria para além da pediatria (Santos *et al.*, 2021; Kontos *et al.*, 2016). Entretanto, diferenças entre populações, contextos assistenciais, formas de intervenção e métodos de avaliação ainda dificultam a generalização dos resultados.

Diante disso, analisar a palhaçoterapia requer compreender não apenas seus possíveis benefícios, mas também os limites das evidências disponíveis. Essa análise permite situá-la como prática complementar no processo de humanização da assistência, considerando suas contribuições para a experiência do cuidado sem desvinculá-la das intervenções clínicas necessárias.

OBJETIVO

Analisar as evidências disponíveis acerca da utilização da palhaçoterapia na assistência à saúde, com ênfase em suas repercussões psicológicas, emocionais e relacionais e em suas contribuições para a humanização do cuidado.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e analítico, desenvolvida com o propósito de analisar as evidências disponíveis sobre a utilização da palhaçoterapia na assistência à saúde, considerando suas repercussões psicológicas, emocionais e relacionais e sua contribuição para a humanização do cuidado.

A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e PubMed. Foram utilizados termos relacionados à palhaçoterapia, palhaçaria hospitalar, humanização da assistência, cuidado centrado na pessoa, saúde mental, ansiedade, dor e qualidade de vida, de acordo com a temática e o objetivo estabelecidos para o capítulo.

Inicialmente, foram identificadas 36 publicações. A seleção ocorreu mediante leitura dos títulos e resumos e, posteriormente, dos textos considerados pertinentes ao objeto de estudo. Foram excluídas publicações duplicadas, estudos que não abordavam diretamente a palhaçoterapia no contexto da saúde e trabalhos que não apresentavam conteúdo pertinente ao objetivo da revisão. Após esse processo, 9 trabalhos foram selecionados para compor a análise.

O material selecionado foi submetido à análise narrativa, com identificação e organização dos principais achados em eixos temáticos relacionados à humanização e ao cuidado centrado na pessoa; às repercussões psicológicas, emocionais e comportamentais; à ansiedade e à dor; às relações entre pacientes, familiares e profissionais; aos diferentes contextos de aplicação da palhaçoterapia; e às limitações das evidências disponíveis.

Por se tratar de uma revisão da literatura realizada a partir de estudos e documentos previamente publicados, sem participação direta de seres humanos ou utilização de dados individuais identificáveis, não houve necessidade de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados mostrou que os efeitos da palhaçoterapia se concentram principalmente nas dimensões psicológica, emocional e comportamental do cuidado. Embora os resultados sejam, em sua maioria, favoráveis à intervenção, a força das evidências varia conforme o desfecho investigado, a população estudada e as características das intervenções. Entre os resultados encontrados, a redução da ansiedade apresenta maior consistência, sobretudo em crianças hospitalizadas ou submetidas a procedimentos médicos.

A aproximação entre humor e cuidado em saúde também encontra referência na proposta de Patch Adams, que defendeu uma prática médica atenta às relações humanas e à experiência da pessoa durante o adoecimento. Em sua abordagem, humor, criatividade e interação são compreendidos como recursos capazes de ampliar a dimensão humana do cuidado, sem substituir as intervenções clínicas necessárias (Adams; Mylander, 1998). Essa perspectiva contribuiu para a difusão de práticas que passaram a incorporar elementos da comicidade e da linguagem do palhaço aos contextos assistenciais.

Na revisão sistemática de Lopes-Júnior *et al.* (2020), que reuniu 24 estudos e 1.612 crianças e adolescentes, foram avaliados desfechos como ansiedade, dor, estresse, bem-estar e respostas comportamentais. Os autores identificaram benefícios principalmente sobre a ansiedade e outros aspectos psicológicos, embora tenham apontado limitações metodológicas e risco de viés em parte dos estudos. Esses achados são reforçados pela metanálise de Sliman, Meiri e Pillar (2023), que demonstrou redução da ansiedade geral e pré-operatória em crianças hospitalizadas, além de resultados favoráveis para a ansiedade dos pais.

A relevância desses resultados deve ser considerada diante do impacto emocional que a hospitalização pode produzir. Medo, insegurança e antecipação de procedimentos podem intensificar o sofrimento e interferir na forma como a criança vivencia o cuidado. Nesse contexto, humor, distração e interação podem contribuir para tornar a experiência menos ameaçadora. A contribuição da palhaçoterapia parece, portanto, estar menos relacionada à modificação da condição clínica e mais à maneira como o paciente experiencia o adoecimento, a hospitalização e os procedimentos aos quais é submetido.

Em relação à dor, os resultados são menos uniformes. Lopes-Júnior *et al.* (2020) identificaram efeitos favoráveis em parte dos estudos analisados, enquanto Sliman, Meiri e Pillar (2023) encontraram tendência de redução da dor infantil, porém sem significância estatística ($SMD = -0,49$; $p = 0,06$). A diferença entre os achados recomenda cautela e não permite caracterizar a palhaçoterapia como intervenção analgésica. Seu papel, nesse aspecto, parece estar relacionado à possibilidade de interferir na experiência subjetiva associada ao procedimento, sem substituir analgesia, anestesia ou outras medidas clinicamente indicadas.

Os resultados referentes às respostas fisiológicas também se mostram menos consistentes. Os estudos analisados investigaram parâmetros como frequência cardíaca, pressão arterial, saturação de oxigênio e cortisol, sem demonstrar um padrão uniforme de resposta. Essa ausência de uniformidade evidencia que a melhora percebida em aspectos emocionais não implica, necessariamente, alterações mensuráveis em marcadores fisiológicos. Assim, associações entre humor, redução do estresse e respostas orgânicas devem ser interpretadas de acordo com os desfechos efetivamente avaliados em cada estudo.

Outro aspecto observado diz respeito às repercussões comportamentais. Em crianças, a redução do medo e da ansiedade pode estar acompanhada de maior interação e cooperação durante determinados procedimentos. Contudo, sob a perspectiva da humanização, esse resultado não deve ser valorizado apenas por facilitar a atuação profissional. Sua importância reside, sobretudo, na possibilidade de a criança vivenciar o cuidado com menor tensão e maior participação, preservando-se sua condição de sujeito no processo assistencial.

Embora a maior parte das evidências analisadas esteja concentrada na população pediátrica, outros grupos também aparecem na literatura. Kontos *et al.* (2016), em estudo com pessoas idosas com demência residentes em instituição de longa permanência, observaram redução de sintomas comportamentais e psicológicos e melhora da qualidade de vida após intervenção com *elder-clowns*. Santos *et al.* (2021), por sua vez, abordaram atividades *clown* com adultos e idosos elegíveis para cuidados paliativos precoces na Atenção Primária à Saúde. Esses estudos ampliam as possibilidades de aplicação da palhaçaria em saúde, mas as diferenças entre populações e contextos impedem que seus resultados sejam generalizados.

Em conjunto, os achados indicam que os resultados mais consistentes da palhaçoterapia se encontram nos desfechos psicológicos e emocionais, particularmente na ansiedade pediátrica. Para dor e respostas fisiológicas, as evidências permanecem menos uniformes. Essa distinção é necessária para evitar a superestimação dos benefícios da intervenção e situar sua utilização dentro dos limites demonstrados pela literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das evidências permite concluir que a contribuição da palhaçoterapia para a assistência não se sustenta em um efeito terapêutico uniforme, mas se mostra mais consistente nas dimensões psicológica, emocional e relacional do cuidado, particularmente na redução da ansiedade no contexto pediátrico. Em contrapartida, os resultados relacionados à dor, aos parâmetros fisiológicos e a outros desfechos permanecem heterogêneos, o que reforça a necessidade de evitar generalizações e de compreender a palhaçoterapia como estratégia complementar às intervenções clínicas.

Sob a perspectiva da Política Nacional de Humanização, entretanto, sua utilização pode ser analisada para além dos limites do ambiente hospitalar. A PNH constitui uma política transversal do Sistema Único de Saúde e propõe práticas orientadas pelo acolhimento, pela autonomia, pelo protagonismo e pela corresponsabilidade dos sujeitos envolvidos no cuidado (Brasil, 2008). Nesse sentido, experiências realizadas na Atenção Primária à Saúde demonstram que atividades *clown* podem ser desenvolvidas em outros cenários assistenciais, inclusive no cuidado domiciliar, embora seus resultados devam ser interpretados de acordo com as particularidades de cada população e contexto (Santos *et al.*, 2021).

Diante disso, sugere-se que a palhaçoterapia seja considerada não como uma prática restrita à hospitalização, mas como uma possibilidade de intervenção em diferentes pontos da Rede de Atenção à Saúde, desde que sua inserção seja planejada, contextualizada e submetida à avaliação. Na Atenção Primária, por exemplo, sua utilização pode ser explorada em ações de promoção da saúde, cuidado domiciliar e acompanhamento de pessoas com necessidades prolongadas de cuidado. Em outros serviços da rede, incluindo aqueles voltados à saúde mental, sua aplicabilidade ainda necessita de investigação específica antes que sejam estabelecidas recomendações mais amplas.

Como perspectiva para o SUS, propõe-se o desenvolvimento de experiências-piloto estruturadas, articuladas às equipes multiprofissionais e aos princípios da Política Nacional de Humanização, com capacitação dos participantes, definição do público e dos objetivos da intervenção, respeito à autonomia e à recusa dos usuários e avaliação sistemática dos resultados. Essa estratégia permitiria não apenas ampliar de forma responsável os espaços de atuação da palhaçoterapia, mas também produzir evidências sobre sua viabilidade e seus efeitos em diferentes níveis de atenção. Assim, sua contribuição para a humanização estaria menos associada à expectativa de produzir o riso e mais à possibilidade de criar formas de encontro, comunicação e cuidado capazes de reconhecer a singularidade do usuário nos diferentes espaços do Sistema Único de Saúde.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Patch; MYLANDER, Maureen. *Gesundheit!: bringing good health to you, the medical system, and society through physician service, complementary therapies, humor, and joy*.

Rochester, VT: Healing Arts Press, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. *HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS*. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008.

DIONIGI, Alberto; FLANGINI, Roberto; GREMIGNI, Paola. Clowns in hospitals. In: GREMIGNI, Paola (ed.). *Humor and health promotion*. New York: Nova Science Publishers, 2012. p. 213-228.

KONTOS, Pia *et al.* Elder-clowning in long-term dementia care: results of a pilot study. *Journal of the American Geriatrics Society*, v. 64, n. 2, p. 347-353, 2016. DOI: 10.1111/jgs.13941.

LOPES-JÚNIOR, Luís Carlos *et al.* Effectiveness of hospital clowns for symptom management in paediatrics: systematic review of randomised and non-randomised controlled trials. *BMJ*, London, v. 371, m4290, 2020. DOI: 10.1136/bmj.m4290.

SANTOS, Fernando Ribeiro dos *et al.* Efeitos de atividades clown em pacientes elegíveis para cuidados paliativos na atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, n. 5, e20200431, 2021. DOI: 10.1590/0034-7167-2020-0431.

SLIMAN, Rim Kasem Ali; MEIRI, Noam; PILLAR, Giora. Medical clowning in hospitalized children: a meta-analysis. *World Journal of Pediatrics*, v. 19, n. 11, p. 1055-1061, 2023. DOI: 10.1007/s12519-023-00720-y.